

Vida literária e artística

NÚMERO 305
4-JUNHO-1964

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA»

A entrega do «Prémio Camilo» a José Cardoso Pires

O Prémio Camilo Castelo Branco, instituído pelo Grémio dos Editores e Livradores, com a colaboração da Sociedade Portuguesa de Escritores, consagrou, este ano, um dos mais vigorosos e dotados ficcionistas portugueses da actualidade: José Cardoso Pires, pelo seu romance «O Hóspede de Job».

A entrega do valioso e significativo prémio, efectuada no sábado passado, durante um almoço a que assistiu mais de um cento de escritores e jornalistas portugueses e alguns estrangeiros, constituiu um acontecimento literário do maior relevo. Além dos breves discursos do romancista Ferreira de Castro, presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, e do dr. Borges de Castro, presidente do Grémio dos Editores e Livradores, teve particular oportunidade e significado o que disseram o crítico literário Oscar Lopes, em nome do júri, e o próprio homenageado.

Aqui arquivamos as afirmações de ambos, certos de que se reverterão do maior interesse para os nossos leitores:



José Cardoso Pires, à esquerda, recebendo o prémio das mãos de Borges de Castro, perante o presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, Ferreira de Castro

A MINHA APRENDIZAGEM DE ESCRITOR por JOSÉ CARDOSO PIRES

«Os prémios — disse-o Mário Dionísio há meia dúzia de meses — não se agradecem». E eu estou com ele: um prémio que se atribui a um livro ou a uma obra é concedido em nome de valores universais que ultrapassam o seu autor.

E' um estímulo que, por circunstancialidade, recaiu sobre determinado indivíduo e que, por função exemplar de prémio, abrange algo mais importante do que ele: a colectividade dos escritores, o

O Prémio da Resistência foi atribuído a Jorge Semprun

Em votação consagradora, o importante Prémio Literário da Resistência foi atribuído, na reunião do júri realizada em Paris em 28 de Maio ao romancista espanhol Jorge Semprun, pelo seu livro escrito em francês «A Longa Viagem». Com este mesmo romance já havia obtido Semprun o Prémio Formentor, atribuído em Corfu (Grécia) por um júri internacional de editores. O romance «A Longa Viagem» foi recentemente publicado em versão portuguesa pela Editora Arcádia.

publico, o movimento, até, da própria Literatura.

Dai que, na vossa presença de amigos, eu me lembre (sem qualquer requebro de modéstia — que abomino) do muito que está em mim e é vosso e do que está em cada um de vós e a que não me foi possível dar até agora a minha expressão individual. Refiro-me ao conhecimento humano distribuído pela multiplicidade de sectores que fazem a vida do nosso país e que se encontram menos directamente vinculados à Literatura — o dos cientistas, sobretudo, e o dos homens de acção. E refiro-me, muito especialmente à tradição contemporânea dos meus camaradas de Letras de quem tirei saber e companhia.

A verdade, porém, é que estamos dispersos em arquipélagos e que, por isso mesmo, vivemos uma realidade amputada. Escrevemos sobre um universo cuja face mais significativa é de tal modo sombria e avassaladora que domina todas as outras — a face em que o Pão e a Inteligência são consentidos, não fomentados. Sendo assim, que diálogo nos podem oferecer os contrários? Que incentivo e que debate de Inteligência poderá proporcionar quem alicerça a sua justificação precisamente nos horrores da Inteligência?

Criam-se, portanto, dois hemisférios e, um deles, uma forma de

(Continua na página central)

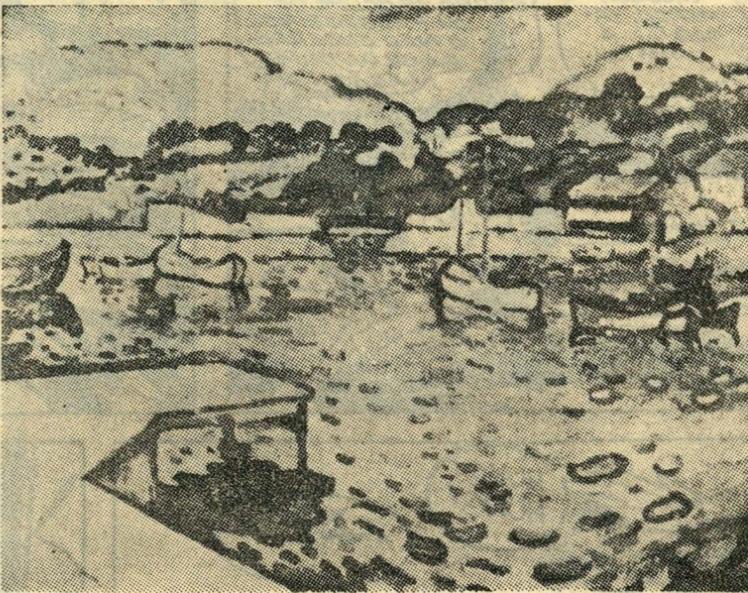
SAUDAÇÃO

por ÓSCAR LOPES

«O curso dos astros no céu concertou-se de tal modo, que me concede, agora, a alegria de saudar José Cardoso Pires em nome do júri que lhe atribuiu o Prémio Camilo Castelo Branco de 1963. Mas esta conjunção que tanto me honra e encanta não a devo transformar numa espécie de eclipse de sol, qual seria o de esquecer a arte narrativa do homenageado atrás de um satélite de elogios vagos. Tenho, é claro, de falar um pouco sobre O Hóspede de Job, um pouquinho sobre a restante obra do autor, porque a isso mesmo aqui vim. O que tentarei é fazê-lo sem nunca perder de vista a realidade óbvica e irredutível do seu estilo.

E, afinal, não há nada mais fácil do que isso. Porque, na ficção portuguesa de hoje, se realmente existe um autor cuja arte impõe a sua própria lógica a um sistema qualquer de razões, seu ou alheio — esse autor é José Cardoso Pires. Reparem que quando se diz (e parece todos unanimemente dizermos) que Cardoso Pires é, acima de tudo, um contista, o que de mais importante queremos significar é isso mesmo: a sua arte não ignora razões ou doutrinas, mas apenas pretende vingar em arte como ar-

(Continua na 21.ª página)



Braque — «O porto de l'Estaque»

A Técnica e a Poesia

por ANTUNES DA SILVA

Dizem que a humildade é o sabre dos sábios. No entanto, é óbvio que, para adquirir essa força vital nos nossos dias, há que ter em conta muito esforço inglório, voltar costas ao medo que tolhe os ges-

tos, por consenti-los, e nos embaraça a alma, só por merecê-la.

A técnica domina a nossa época, dizia-nos há semanas um patricio.

(Continua na 19.ª página)



Picasso — «Os Miseráveis»

DE MANET A PICASSO

por F. R.

Está em moda a vilegiatura das obras de arte para propaganda da política ou dos certames. A Gioconda foi mostrar o seu sorriso suspenso á América, a Venus de Milo exhibe a nudez clássica no Japão e a Pietá resume a arte sacra do Renascimento em Nova York.

A Suíça, que realiza agora, em Lausanne, a sua grande Exposição Nacional, convocou a propósito, com gesto menos ostentoso, uma reunião de obras de arte mais consentânea com a modernidade dos tempos.

A exposição «Obras-primas das colecções suíças, de Manet a Picasso» é um acontecimento digno do gosto dos coleccionadores e do sentido didáctico da escolha.

A quantidade de obras de arte moderna das colecções particulares, mostra que neste país da burguesia confortável não é só de antiguidade que se cultiva o gosto. Revela a argúcia ou as inclinações de espírito de um tipo de amador de arte que sabe escolher no seu tempo. E' claro que, também os museus e fundações, desempenham papel idêntico, tudo contribuindo, enfim, para deixar seleccionar 350 peças, no sentido de dar «uma imagem o mais completa possível de 100 anos de actividade artística,

que limitam as grandes revoluções da estética dos nossos tempos».

Não terão maior significado as oito secções em que se distribuiu o agrupamento, senão para dar uma ideia cronológica da extensão e variedade: O Impressionismo, Cézanne, Gauguin e Van Gogh, «Nabis» e Pontilistas, «Fauves», Expressionistas, Cubistas, Escola de Paris e «de Kandinsky a Miró».

Este panorama traz-nos presenças menos costumadas e oferece-nos algumas surpresas.

Há um grupo extraordinário de

(Continua na página central)

«Antologia do Jornalismo Português»

Frederico Cruz, publicista de operosa presença na vida jornalística de Portugal metropolitano e ultramarino, tomou a iniciativa de organizar e compilar uma «Antologia do Jornalismo Português», reavivando para as gerações de hoje muitas páginas de valor perene que foram esquecidas no fogo do quotidiano. O Instituto de Angola promoveu a edição, trazendo agora a publico o primeiro volume da obra, que abrange uma colectânea de textos divulgados em jornais no período de 1900 a 1909. E o nosso director, dr. Norberto Lopes, escreveu para ele um prefácio que põe em merecido relevo o interesse e a importância do empreendimento.

Algumas dezenas de nomes carregados de significação evocativa perpassam nestas páginas, subscrivendo artigos e crónicas escolhidos pelo seu valor literário, qualidade intelectual e significação social e política: Heliodoro Salgado, Brito Camacho, Ana de Castro Osório, Sousa Pinto, Avila Lima, João de Barros, Teófilo Braga, André Brun, Veiga Simões, tantos mais. Outros são anónimos. Algu, também, trazem o cunho da informação ou da reportagem, constituindo documentos expressivos de uma época de jornalismo que o tempo e as circunstâncias transformaram profundamente. No conjunto, o volume apresenta valor documental notável, a que mais de meio século decorrido confere o sentido de testemunho histórico relevante.

No seu exemplar prefácio, Norberto Lopes aflora o problema das origens da imprensa em Portugal, assinala o seu lugar na luta intermina pelas liberdades fundamentais, define a missão dos grandes órgãos informativos e salienta os seus condicionamentos, tantas vezes dramáticos para o jornalista. Quanto á edição promovida pelo Institu-

(Continua na página central)

Saudação a Cardoso Pires ESCAPARATE

(Continuação da 17.ª página)

por ÓSCAR LOPES

(De 27 de Maio a 3 de Junho de 1964)

Colecção — Os Livros das Três Abelhas, 68.
Número de páginas — 172.
Preço — 15\$00.

Autores portugueses

Título — «Nossa Companheira Música».

Autor — Fernando Lopes Graça.

Editora — Portugália.

Colecção — Problemas, 3.

Número de páginas — 229.

Preço — 35\$00.

Título — «O Drama do Bobo».

Autor — João França.

Dep. — Livraria Portugal.

Número de páginas — 93.

Preço — 20\$00.

Título — «Ao Longo da Fronteira».

Autor — Bento da Cruz.

Editora — Arcádia.

Colecção — Autores Portugueses, 43-44.

Número de páginas — 252.

Preço — 25\$00.

Autores estrangeiros

Título — «Jorge e Amado».

Autor — Miguel Flávio.

Editora — Publicações Europa-América.

Título — «Conde Belisário».
Autor — Robert Graves.
Tradutora — Fernanda Pinto Rodrigues.

Editora — Estudos Cor.

Colecção — Latitude.

Número de páginas — 489.

Preço — 55\$00.

Título — «Salambô».

Autor — Gustavo Flaubert.

Tradutor — F. da Silva Vieira.

Editora — Editorial Minerva.

Colecção — Biblioteca Popular Minerva.

Número de páginas — 213.

Preço — 12\$50.

FRIGORÍFICOS
PEQUENO ANUNCIO
GRANDES DESCONTOS
4-A, Rua Passos Manuel, 4-A

te. Com efeito, temos algumas das suas melhores páginas, mesmo as do romance, as do drama, as do ensaio, e o que se nos evidencia de modo imediato é uma meada entrecruzadíssima de relações imaginativas, que se vão, entretanto, desfiando, mas, bem se sente, já lá estavam de certo modo no início. Dois vultos humanos numa estrada, uma rapariga mordiscando fósforos, um par de guardas-republicanos desmontados, num largo da vila, sob a torreira do sol — eis, por exemplo, três células que nos dão logo uma convicção de mundo completo, donde tudo, mesmo o que ainda se não sabe, lá virá a sair por desenvolvimento natural, tal como um organismo que se desenvolve em obediência ao código dos seus ácidos nucleicos germinais. Eu penso que, na actual fase de gostos literários, a melhor prova da autenticidade de *O Hóspede de Job* consiste mesmo em ter levantado a seguinte questão académica quanto ao género: «Mas será um romance mesmo, ou um ciclo de contos alentejanos? Pois, com efeito, *O Hóspede de Job* não nasceu de uma pergunta filosófica, como, por exemplo, estas: «Porque que é que isto existe, em vez de existir outra coisa, ou de não existir mesmo nada? Como é possível estar eu aqui e agora, e saber ao mesmo tempo que as palavras *eu, aqui e agora* têm uma infinidade de significados concretos diferentes?». *O Hóspede de Job* não nasceu do propósito de contar uma história como se o seu objecto, dela, a história, afinal não existisse, como se as mudanças irreversíveis fossem afinal de contas, cíclicas, como se as identidades pessoais, e ainda as impessoais, fossem totalmente improváveis. Tais perguntas ou enquadramentos têm, a meu ver, o seu momento de verdade e de produtividade, mas exauram-se depressa, porque, dentre toda a larga experiência humana, tendem a sublinhar aquelas fases em que nos encolhemos na escrita ou leitura, em que o mundo todo se adelgaça, amolece e se amolda facilmente a uma obsessão ou humor dominante. Ora nós temos *O Hóspede de Job* e, pelo contrário, esse momento de leitura alastra, naquela maravilhosa imanência do eu aos outros, do aqui ao alhures de que toda a grande literatura épica vem sendo feita desde os mais antigos mitos; as personagens andam em busca do autor, ou antes, as personagens, as situações, os temas em microcosmo buscam esse macrocosmo que é o tempo narrativo do romance. E nós acompanhamo-los, e fazemos o romance com eles e com o autor.

Mas isto não é o elogio do engenho abandonado à sua espontaneidade. Nada estaria menos inadequado a Cardoso Pires, cujo brio oficial ressalta logo de uma prosa muito limpa, talvez a mais limpa ou mondana que hoje temos, e que, quanto à composição e proporcionamento narrativos se verifica pelo confronto entre as primeiras edições dos seus contos e a sua antologia e refundição em *Jogos de Azar*. A vida latejante dos temas não dispensou o trabalho de artifice, antes o exigiu, com todo o escrúpulo de que Cardoso Pires nos dá provas, tanto pelo seu acabamento, como pela maturação lenta das suas edições. E, assim, a palavra *trabalho* ganha, a propósito deste artista, o seu significado mais denso. Poderíamos referir com a palavra *trabalho* um corpo a corpo cujos antagonistas seriam a espontaneidade e a intenção, ou, a maneira camoniana, o engenho e a arte; mas, na verdade, não há nome exacto para os dois pólos opostos. Por exemplo, a espontaneidade do tema dos companheiros, ou, mais em geral, do companheirismo, da interdependência humana concreta, que tão grande importância e tantas facetas assume nos enredos de Cardoso Pires, revela-se-nos afinal como simples limite originário dos seus desenvolvimentos; a sua espontaneidade contém já trabalho, porque em cada um desses desenvolvimentos, como o do romance premiado, a meada apenas se desdobra numa dada extensão significativa, com exclusão rigorosa, pelo trabalho, de tudo quanto essencialmente não importa; e, por outro lado, a selecção do fio narrativo é sempre realista, porque norteada por uma significação total. Podemos, é claro, sentir que a unidade do romance, como já acontecia com a unidade do drama *O Rênder dos Heróis*, teria possibilidades de atingir um grau ainda superior de unidade; mas sentimos também que o resultado atingido em *O Hóspede de Job*, e que é sem dúvida, a meu ver, o melhor re-

sultado em romance português do ano findo, não foi conquistado, nem em obediência a uma simples ideia abstracta, nem por mera cerzadura de episódios.

Por exemplo: cenas como aquela do início em que um cabo-ferrador traí em diálogo fragmentário as imagens e frases mais obsessivas da sua vida de então foram muito trabalhadas por dentro da sua unidade interna, mas um simples motivo, como o do silvo do comboio de Évora, torna o tecto e as paredes da taberna transparentes á rede de todas as relações humanas do Alentejo; a nossa imaginação galga logo distâncias a uma velocidade que parece a do som, mas é muito maior, é a de um reflexo psicológico latente que acorda. E' o romance e o nascer do conto. No seio do trabalho literário já definido, germina logo outro trabalho. E eis como a gente percebe que a palavra *poesia* venha de um verbo grego que significa *fazer*: tal como acontece com os produtos mercantis em relação ao trabalho que os cria, também a palavra e a ficção se alienam a cada passo relativamente ás necessidades intimamente humanas que as criam, e o artista precisa de dar mais um e outro jeito para que as suas criações não matem a sua própria vida originária. Foi assim mesmo, num diálogo cerrado entre o que a fantasia achava e o que a intenção perseguia, que Cardoso Pires nos conduziu, não apenas a uma atmosfera alentejana, não apenas a um ciclo de episódios, mas a uma intriga romanesca muito original, onde interferem uma dada estrutura de relações sociais, uma crise estival de trabalho com as suas mais típicas consequências, e uma incorporação militar, com os seus exercícios num polígono de fogo implicando um condicionamento ainda muito mais largo de forças históricas. Julgam alguns leitores que nem todos os nexos se explicitaram tanto quanto necessário, e talvez nalguns espaços as malhas se pudessem apertar com vantagem, mas seria difícil fazê-lo sem privar o leitor da sua liberdade relacional e judicativa. E sob este aspecto nunca talvez o leitor de ficção portuguesa foi tão estimulado a participar, dispoendo ao mesmo tempo dos dados que essa participação requer. Poderia, por exemplo, mostrar-se mais elevada compreensão humana, mais contenção de juízo dispensável, mais sóbria objectividade tipificadora do que na admirável sequência que decorre entre dois detidos e as praças de um posto da Guarda?

Mas falei em tipificação, e vou terminar por aqui. Uma obra estimuladamente realista como *O Hóspede de Job* instala no nosso espírito alguns traços cumulativamente muito móveis e muito essenciais das coisas porque nos instala em reacção viva sobre essas mesmas coisas; uma obra assim é uma renovação do conhecimento, porque o conhecimento vivo não somos nós e as coisas em contacto indirecto e diplomático, um conhecimento é um reflexo neste sentido: são as coisas em nós como projecto, e nós dentro das coisas como força já actuante. Uma obra realista não descobre apenas novos objectos, novas faces nas coisas, mas também, e por isso mesmo, um novo sujeito daquele sentir a que chamamos o nosso sentir. José Cardoso Pires traz um novo fôlego ao nosso realismo consciente de ser realista e efectivamente capaz de o ser porque a sua obra não nos coloca numa subjectividade excêntrica e exótica relativamente ás suas personagens populares, nem permanecem ao nível de consciência dessas mesmas personagens. Pelo contrário, avivam uma subjectividade, uma tomada de partido humano concêntrica (embora mais larga) á de essas personagens, mediante um excelente jogo de tipificação objectiva de circunstâncias e casos. Em *Estrada 43*, por exemplo, um dos melhores contos de Cardoso Pires, encontramos-nos em plena operação de alcatroar uma estrada, e um acidente de trabalho adentra-nos, palpitantemente, na simpatia afectiva da vítima e seus companheiros. Em vez de vermos um espectáculo de um ponto excêntrico, necessariamente deformante, maníacamente estilístico, o que nos sentimos é empenhados, como se de algum modo fossemos nós o desgraçado roído pelo alcatrão fervente, ou, talvez melhor, fossemos nós alguns dos que lhe têm de valer

imediatamente. A miséria deprime; nem sequer origina espontaneamente a sua própria superação interna ou externa; mas como a subjectividade literária não é muda, inefável, mas é, pelo contrário o próprio sentir na sua mais comunicativa sociabilização — um autor verdadeiramente realista que tome a miséria como assunto dá um dos inícios ao resgate dessa miséria, que é, até certo ponto, miséria de consciência também numa consciência da miséria, consciência que já, sob todos os pontos de vista, não é miserável. Acresce que a humanidade só tem a certeza de conhecer o mundo na medida em que é já capaz de o refazer a seu favor; e por isso o ponto de vista daqueles que mais precisam de refazer a realidade material, e portanto a própria realidade humana a ela moldada, é sempre potencialmente mais fecundo, o mais realista, aquele cuja subjectividade superior o bom artista tende sempre a assumir, mesmo sem dar por isso. Cardoso Pires tem a vantagem técnica de o saber, e de saber exactamente o que pode com os seus dons. E ouça, José Cardoso Pires: todos lhe estamos muito gratos por isso!»

convite

LICAR S.A.R.L.

Concessionário da General Motors

tem o prazer de convidar o público automobilista a visitar as suas modernas instalações na

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 48 A e C

TELEFONES 53 71 22/4

onde se encontram expostos, até às 24 horas, os modelos



VIVA VICTOR Super e VX 4/90 CRESTA



CAMIÕES DE 1,5 A 12 TONELADAS



UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DO AUTOMOBILISTA

DUNHAM-BUSH

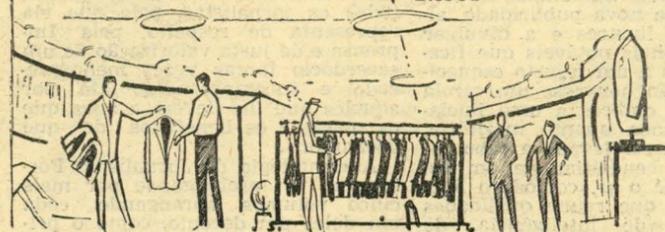
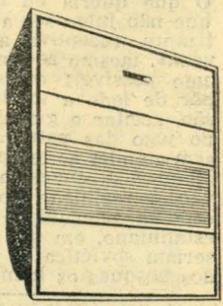
Ar Condicionado

CONSULTE OS SERVIÇOS TÉCNICOS DE CARRASQUEIRO & TEIXEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro 175 - 185

Tel. - 773046

Lisboa



A minha aprendizagem de escritor

(Continuação da 17.ª página)

por JOSÉ CARDOSO PIRES

exílio cívico que é o mais terrível dos males no duro ofício de escrever. Sem acesso à informação e sem intervencionismo ao nível da colectividade, o romancista, o poeta ou o historiador dificilmente dispõem dos meios de correcção quotidiana indispensáveis a uma justa visão da pátria.

Não participar, pois, do debate activo de um país corresponde a uma alienação do exercício do escritor e a um empobrecimento desse mesmo país. É uma demissão imposta ao homem, uma irresponsabilização em que se o coloca pela não-existência de diálogo publico. É, ao fim e ao cabo, uma fractura que se abre num continente de irmãos.

Nestas condições, poderemos nós transmitir com profundidade uma imagem rigorosa e significativa do nosso tempo em termos de Literatura? Eis uma pergunta que a mim próprio faço muitas vezes.

Se não nos é dado analisar o homem à luz da discussão dos problemas que o definem, a razão das estatísticas ou no uso pleno das fontes de estudo, a representação que dele fizermos é perigosamente intuitiva, fatalmente empobrecida, e muitas vezes estereotipada. A necessidade de informação está na base da qualidade da expressão.

Eu bem sei que a história conta na sua herança um largo numero de génios que foram segregados da sociedade em que viveram e que, da adversidade, tiraram a mensagem do seu talento. Mas nada garante que numa situação mais feliz eles não tivessem produzido obras igualmente belas e em maior profusão. Nem justifica que, mais tarde, os temerosos dos «malefícios» da Cultura possam dizer, diante de Goya ou de Tolstoi: «Se foi necessário Napoleão para que a Humanidade ficasse enriquecida com *A Guerra e a Paz* ou com as admiráveis imagens dos *Desastres* e dos *Fuzilamentos*, abençoado Napoleão!» Em caso destes o elogio vai muito mais para a destruição humana do que para a beleza da criação artística...

A consciência culpada que propugna uma cautelosa distancia entre o escritor e os elementos de influência no meio ambiente justifica-se, muitas vezes, com a necessidade de protesto que há nele. O argumento é insidioso mas levanta uma questão de princípio que, pessoalmente, me parece importante.

Na verdade, o escritor é um animal incómodo — aqui e nos países culturalmente mais desenvolvidos. O facto de ser um artífice extremamente individualizado e de procurar no colectivo um certo angulo digamos privado, uma certa mitologia do seu tempo, impõe-lhe que se projecte adiante da Reforma e da Prática do Estatuto a que se encontra submetido como cidadão. Jamais está em completa paz com a época — dir-se-á. E em certa medida assim é. A sua ansia de perfeição vem daquilo que é o seu programa de criador: do desejo de harmonia, da busca de felicidade. E se escrever é uma constante descoberta, uma atenta e abandonada superação do Real, entre a realidade e o escritor existirá um perpétuo movimento de aproximação e de distancia cuja resultante é a curva ascendente do Progresso.

Este desfasamento salutar entre o narrador de uma sociedade e os valores morais a que ela chegou não significa forçosamente incompatibilidade. Poderá significar. Poderá ir aos limites extremos do protesto integral e para isso basta que a razão de Estado se desumanize ao ponto de perder a fé na Palavra para se justificar.

Vivemos numa época em que os materialistas primários recusam a fatalidade deste desajustamento necessário e em que, por seu lado, os homens de espírito feudal se empenham em arrumar o escritor num lugar à margem — tolerado. Os primeiros sonham com o artista em uniforme. Os segundos com o bobo do Paço. Com objectivos opos-

tos, o certo é que ambos retiram ao intelectual um papel de intervenção, regimentando-o a burocracia literária ou a um exílio na própria casa.

Reduzido, desta forma, a um circuito mais ou menos fechado, o movimento literário defende-se, entre outras coisas, com uma linguagem alegórica de que, na minha opinião, ainda não estamos libertos de todo.

Lembro-me de alguns autores aparecidos nos anos 40 em que isso era evidente e (o que é mais do que tudo, consolador!) vejo agora como, naqueles cuja obra ficou, esse pecado de início foi eliminado.

Eliminado como? Com que incentivos? Com que diálogo em plano de igualdade com os contrários? A sós. Em circuito fechado. No convívio de uma camaradagem literária que, á perspectiva destes anos, se me afigura unica, exemplar. Alguém perdeu com isso e não é preciso muito esforço de atenção para perceber quem perdeu.

Foi assim também que eu fiz a minha aprendizagem de escritor. Na exigência crítica dos camaradas mais queridos compreendi que a duvida e a vigilância de nós mesmos são o ponto capital do brevíssimo de quem escreve. Em Carlos de Oliveira, por exemplo, descobri o austero gosto do rigor; em Manuel da Fonseca o saboroso prazer da descontração; em Redol a cultura que não se exhibe, a tenacidade de percorrer os mil itinerários do povo. E de um saudoso mestre — Aquilino — tirei a maravilhosa lição de que é possível morrer-se jovem por mais que a isso se oponham as leis do tempo.

Estes e tantos outros companheiros dos dias de hoje, cada qual reflectindo a sua assimilação pessoal das tradições do passado, trouxeram uma força nova ás nossas letras. A continuidade que deram, ao esforço daqueles que os antecederam, o caminho que alargaram com *Sol Nascente* e *O Novo Cancioneiro*; a diversidade de temas que abordaram; o combate que enfrentaram por um lado contra uma arte demissionária e, por outro, contra o populismo e a demagogia — tudo isso representa uma experiência que encontrei já adiantada quando publiquei o meu primeiro livro e que estará ainda em ascensão quando escrever o ultimo.

Entretanto, a velocidade do Homem altera-se continuamente. As formas convencionais da Arte transformam-se por isso e também porque, á medida que o analfabetismo vai sendo eliminado e que o acesso

á informação aumenta, o poder de síntese do leitor evolui, a sua capacidade de associar imagens, símbolos e sequências é dia a dia, maior, mais rápida. A concepção elizabetiana da Narrativa ou o romance *d'après* Balzac não podem manter-se incólumes na Idade do Cinema, da Televisão, do Concretismo e do Informal.

Nada disto se resolverá sem as crises de crescimento necessárias — a uma evolução — bem o sabemos. O belo é que se tenha conseguido encará-las, ultrapassando-as; o grave é que esse esforço tenha sido levado a cabo em condições que estão longe de ser estimulantes.

Pela minha parte, é experiência desses meus companheiros que me ocorre nas horas de desanimo ou nos momentos de alegria, como agora. Uma experiência que se resume naquilo que ouvi um dia a Constantino José Diogo, cantor do Alentejo e, de certo modo, protagonista de *O Hóspede de Job*:

*Cavador desta companhia
tu dizes que a pena é leve
Pesa mais do que a enxada
a pena com que se escreve*